



«ATLANTIDA»

Estas primeiras palavras para a *Atlantida*, escrevo-as em face do Mar — do Mar carinhoso e terno do meu paiz, do Mar altaneiro e forte, por onde os navios velozes demandam a larga hospitalidade das praias brasileiras.

Foi n'um meio dia assim, com sol contente brilhando na proa envernizada do *Amazon* que eu, ha tres annos, parti para o Rio de Janeiro. As gaiotas voavam, brancas, sobre o Tejo claro. Ao longe, a linha do horizonte era curva como um abraço lento. A aragem salgada ciciava como um longo beijo. Os amigos, de terra, acenavam-me o seu ultimo adeus. E eu sentia, inefavelmente, de mistura com a saudade das pessoas queridas que deixava, o contentamento supremo de quem vae realizar uma ambição ha muito sonhada, um sonho ha muito acariciado no mais intimo do coração. . .

Ia ver o Brazil, enfim! Ia ver essa terra, que eu sempre considerára irmã da nossa,— e tentaria auscultar a sua palpitação profunda, a sua existencia intima e verdadeira, a febre de trabalho e de progresso que d'aqui presentira. E, sem outra ideia que não fosse o contribuir para a aproximação estreita dos dois povos, ia levar uma mensagem

de lirismo aos escritores que tão bem sabem, além-Atlantico, propagar, embelezar e engrandecer a lingua e — porque não dize-lo? — a alma e a vida espiritual portuguezas. Uma esperança ilimitada fazia-me pulsar o sangue com mais força. O entusiasmo exaltava-me os nervos. E a certeza d'uma nobre, d'uma grave missão a cumprir preocupava-me a tal ponto, que durante toda a viagem — do Tejo ao caes Pharoux — passei alheado de tudo e de todos, ora seguro do exito que desejava, ora receoso da minha mais que reconhecida incompetencia para alcança-lo.

Talvez que essa certeza, que esse entusiasmo, que essa esperança pareçam exageradas para quem meça bem o pouco valor de quem as possuia, e a situação respectiva do Brazil e de Portugal. Certamente o eram. Mas eu via isto: — um enorme paiz unico, separado pelo Oceano, um só paiz imenso, que na Europa tivesse as raizes indispensaveis d'uma tradição, e na America a energia, a fé, o amor, ainda mais indispensaveis, da juventude permanente e creadora! Esquecia as historias rabujentas, que ás vezes me contavam, de desinteligencias entre portuguezes e brasileiros. Esquecia a distancia. Esquecia a má vontade que certos elementos estrangeiros teem procurado despertar entre as duas nações. Esquecia a inercia estúpida de certos governos nossos. Só me lembrava de que, nas antologias portuguezas que desconhecemesse fronteiras, o nome de Bilac devia enfileirar ao lado do de Junqueiro, os nomes de Machado d'Assis e de Coelho Neto tinham de aparecer juntamente com o de Eça de Queiroz. E mais pensava, tambem, que toda a sorte de interesses, dos moraes aos economicos, dos espirituaes aos praticos, faziam de Portugal e do Brazil uma comunidade perfeita, com o mesmo ideal latino, com a mesma força de intelligencia e de alma, com a mesma perfeita sensibilidade social.

De resto, um entusiasmo tão grande como aquelle que

me animava, tinha-o eu verificado nas minhas longas palestras com um grande e ilustre camarada brasileiro: — com Paulo Barreto, quando da sua estada em Lisboa, em 1909. Paulo Barreto é, com efeito, um velho e constante amigo de Portugal — sendo, simultaneamente, um patriota sincero em tudo e por tudo que diz respeito á sua terra. A ideia da publicação da *Atlantida* a ele se deve, fundamentalmente. Ela nos ligou logo do principio; e desde essa época longinqua nunca mais nos abandonou. E, se chegámos um dia quasi a desanimar de pô-la em pratica, não foi nunca por culpa nossa... Simplesmente, as dificuldades pareciam insuperaveis. Todos m'o afirmavam, todos — até ao momento em que eu, chegado ao Rio de Janeiro, pude reconhecer, *palpar*, apreender que todas as iniciativas que visassem a um estreitamento de relações entre os dois paizes, seriam recebidas de braços abertos. Teriam o aplauso tanto dos escritores e artistas como dos politicos, tanto dos homens de sciencia como dos industriaes e commerciantes.

Uma impressão exacta e dominante, eu trouxe, com efeito, do Brazil, eu adquiri, pelo menos, na minha viagem rapida: a impressão de que Portugal não se fazia conhecer como devia; e de que o Brazil se magoava por não encontrar em Portugal aquele conhecimento e apreço que merece o seu admiravel surto de progresso, o seu prodigioso desenvolvimento material e intelectual. Mágoa justa — e justificadissima, aliaz! Falar a mesma lingua, representar a mesma raça, ter uma formula comum de civilisação — e viverem tão separados um do outro como até ha bem pouco tempo viviam os dois povos, eis um facto extranho, que não me pertence explicar, mas que era altamente prejudicial, tanto para portuguezes como para brasileiros e, sobretudo, creio — para o papel que qualquer das duas Republicas teem de desempenhar na vida internacional do globo. E

Portugal tem de ser para o Brazil, — tudo o indica! — o seu porto de ligação com a Europa.

Esta situação, evidentemente desagradavel, tem melhorado e melhora dia a dia — pela boa vontade, pertinaz e lucidissima, dos governos dos dois paizes e dos seus respectivos representantes. Quer isto dizer que seja optima? De modo nenhum. Quer apenas dizer que é necessario acordar uma identica boa vontade em todas as classes sociaes, aqui e alem-Atlantico. Quer apenas dizer que, sendo a acção dos governos pautada, como é, pelas aspirações inconscientes dos dois povos — se torna indispensavel dar consciencia a essas aspirações, mostrar a razão profunda da solidariedade que as une, e, se me permitem a expressão, desvendar, uma perante a outra, a alma brasileira e a alma portugueza. Pretende-se que entre elas exista um affecto que não seja só affecto — mas aproximação total de espiritos, de desejos e de almas.

Não se julgue uma pomposa frase de retorica, esta minha. Pois se nem literariamente os intellectuaes portuguezes conhecem bem o Brazil! E, no entanto, o amor fervoroso que os escritores brasileiros teem pela nossa literatura, não significa somente uma preferencia literaria, e nem podia significa-lo: — é a manifestação superior d'uma tendencia geral de affectividade, sem duvida mal reconhecida.

Para que nem esse desconhecimento literario, nem o desconhecimento de qualquer outro factor de progresso e de melhoria intellectual ou social, continue a existir, e a envergonhar-nos — é que nos abalançámos a publicar a *Atlantida*. Acima de tudo — pretende crear-se um orgão de aproximação reciproca, em que se traduzam e expressem as energias, as ambições, os ideaes dos dois povos. Decerto que, para justificar o aparecimento d'esta revista, se poderiam invocar mil motivos d'ordem imediatamente

pratica para um ou para ambos os paizes. A verdade, porém, é que só um motivo nos guiou — a Paulo Barreto e a mim — e um motivo d'ordem moral: — erguer até ao conhecimento perfeito e amovavel das suas tendencias e dos seus esforços as duas nacionalidades. Mais nada. É pouco? É muito? O Futuro o dirá. Mas as intenções são tão levantadas e tão grandes, que não será orgulho excessivo proclama-las assim. Nem confiança absurda esperar que elas se realizem, com a cooperação de todos aqueles que hoje constituem, pelas suas obras e pelo seu talento, as maiores razões de existir para o Brazil e para Portugal.

Não nos será negada tambem a colaboração de gente moça. A mocidade sabe palavras novas, que é preciso dizer, e traz ambições maiores, que é belo realizar. A nossa empreza é, talvez, grande demais para as nossas forças. Mas as nossas forças são inquietas demais para a não tentarem... D'este modo, a *Atlantida* surge com um pouco de espirito aventureiro dos velhos navegadores portugueses e com muito da energia ardente e moça que deu ao Brazil o seu esplendor de civilização. E em frente do Mar — que, n'esta hora de sol pleno, é todo uma fulguração de luz triumphante — não duvido já dos destinos da *Atlantida*: — ela será como uma grande voz, de multiplos echos, a vibrar na mesma palavra de amor sobre as duas margens distantes do vasto Oceano, que a leva cantando, e cantando a faz voar d'onda em onda.

S. Martinho do Porto, 5 d'outubro de 1915.

JOÃO DE BARROS.